

Passo a Passo

Comunicação participativa

- Escute primeiro!
- O direito de comunicação
- Mídia centrada na comunidade
- Apoio aos facilitadores locais
- Teatro comunitário
- Vídeo participativo



Leia nesta edição

Artigos

- 03 Escute primeiro!
- 05 Linguagem corporal
- 06 O direito de comunicação
- 10 Mídia centrada na comunidade
- 14 Teatro comunitário
- 18 Aprendizagem conjunta

Seções permanentes

- 16 Estudo bíblico: Como Deus se comunica
- 20 Espaço infantil: Comunicação
- 23 Recursos
- 24 Entrevista: Inclusão de todos

Leve e use

- 08 Apoio aos facilitadores locais
- 12 Podcasts comunitários
- 21 Vídeo participativo

Sobre a *Passo a Passo*

Apresentando soluções práticas para os desafios enfrentados no trabalho de desenvolvimento, a revista *Passo a Passo* serve de inspiração e capacita as pessoas para trabalharem com suas comunidades locais e, assim, promoverem mudanças positivas.

A *Passo a Passo* é publicada pela Tearfund, uma agência cristã de assistência e desenvolvimento que trabalha com parceiros e igrejas locais para atender às necessidades básicas das pessoas e enfrentar a injustiça e a pobreza. A *Passo a Passo* é gratuita.

📷 Capa: Eva (centro) usando uma abordagem participativa para treinar facilitadores de grupos de poupança na Bolívia (veja as páginas 8 e 9).
Foto: Scott e Noll/Five Talents

Nota da editora

A comunicação participativa oferece às pessoas a oportunidade de desempenharem um papel ativo e influente nas decisões que afetam sua vida. Ela também garante que as pessoas cuja voz normalmente não é ouvida se sintam à vontade e confiantes o suficiente para compartilhar suas opiniões e ideias, sabendo que farão a diferença.

Esta edição da *Passo a Passo* sugere maneiras práticas de incentivar a comunicação participativa, inclusive através de iniciativas de rádio, teatro e vídeo centradas na comunidade. Ela introduz o tema dos direitos de comunicação e examina por que uma facilitação de grupo bem feita ajuda a garantir a inclusão genuína nos processos participativos.

“O conselho oferecido na hora certa é agradável como maçãs de ouro numa bandeja de prata.”

Provérbios 25:11 (NVT)



Jude Collins,
Editora

tearfund

Escreva para: Footsteps Editor, Tearfund,
100 Church Road, Teddington, TW11 8QE,
Reino Unido

✉ publications@tearfund.org

🌐 learn.tearfund.org

Escute primeiro!

Por Jake Lloyd



❏ O simples ato de ouvir pode oferecer às comunidades como esta, em Kerala, na Índia, a confiança de que precisam para agir.
Foto: Bobby Zachariah

Produzo um podcast (uma gravação de áudio com entrevistas e discussões) chamado “Como desenvolver um senso de comunidade”. Todo mês, entrevisto alguém que tenha participado de um projeto comunitário de grande impacto. Eles me contam sua história e compartilham sua sabedoria. Já falei com pessoas de todo o mundo, mas uma das minhas entrevistas favoritas foi com um assistente social chamado Bobby Zachariah, de Pune, na Índia.

De porta em porta

Pune abriga tanto comunidades de baixa renda quanto empresas de tecnologia ricas. Bobby explicou que uma dessas empresas de tecnologia tinha um projeto de caridade com a finalidade de oferecer educação e oportunidades em uma das áreas mais pobres da cidade. A empresa tinha um orçamento alto, um desejo genuíno de ajudar e conhecimentos técnicos. Porém, como a comunidade se via como beneficiária e não coproprietária do projeto, poucas pessoas mostraram interesse em participar.

A empresa pediu ajuda a Bobby e perguntou-lhe o que devia fazer. Ela havia gastado muito dinheiro ao longo de vários anos, com muito poucos resultados até então. O conselho de Bobby foi uma surpresa. Ele sugeriu que, em vez de tentar resolver os problemas da comunidade por ela, a empresa deveria começar a ir de porta em porta no bairro perguntando às pessoas como elas estavam e simplesmente escutá-las.

E foi isso que ela fez. Todos os fins de semana, um grupo da empresa começou a visitar a comunidade e conversar com as pessoas para saber mais sobre sua vida e o que era importante para elas.

Confiança

Este simples ato de escutar começou a mudar a comunidade. A população local estava acostumada a se sentir desvalorizada, mas, ao serem escutadas, as pessoas começaram a criar confiança para enfrentar seus próprios desafios.

Isso as levou a participar de um exercício de “construção de sonhos”, durante o qual elas ▶

identificaram vários objetivos para sua comunidade, inclusive melhorias nas áreas de saúde, saneamento e educação.

A comunidade formou grupos de voluntários, constituídos de jovens, mulheres e homens, e pediu ao governo local que trabalhasse com eles para alcançar esses objetivos. Ela também recorreu à empresa de tecnologia para obter financiamento e experiência para que isso acontecesse. Assim, a empresa de tecnologia deixou de ser ignorada e passou a desempenhar um papel fundamental na facilitação de mudanças empolgantes lideradas pela comunidade.

Trabalho conjunto

Escutar é um elemento essencial da comunicação participativa e pode levar a resultados inesperados e impressionantes. Quando as comunidades, as organizações locais e os formuladores de políticas escutam uns aos outros, os mal-entendidos geralmente são resolvidos e as pessoas aprendem a trabalhar juntas de novas maneiras.

Jake Lloyd é o apresentador do podcast “Como criar um senso de comunidade”, um esforço conjunto entre a Rede Arukah e a revista Passo a Passo.

arukahnetwork.org
tearfund.org/podcast

Leitura adicional

Ao trabalhar com comunidades, Bobby Zachariah usa uma metodologia participativa chamada SALT, que é a sigla em inglês de “Apoie, Compreenda, Escute e Transfira” (Support, Appreciate, Listen, Transfer). Acesse affirmfacilitators.org/salt.html para obter mais informações.



 O desenho pode ajudar as pessoas a se expressarem com mais confiança. Foto: Bobby Zachariah

Desenhos

Pode ser difícil ou constrangedor para as pessoas falar sobre certos assuntos, tais como a defecação a céu aberto ou uma briga entre vizinhos, mas os membros da comunidade geralmente sabem que essas são questões importantes, que precisam ser abordadas.

Uma maneira de iniciar a conversa é pedir às pessoas que façam desenhos simples para ilustrar suas preocupações, os quais, então, podem ser mostrados a todos, sem que ninguém precise saber quem os fez.

Pode ser encorajador para os grupos ver que várias pessoas compartilham das mesmas preocupações, e o exercício pode levar a ótimas conversas. Dependendo do contexto, pode ser útil que as mulheres, os homens e as crianças tenham conversas separadas, pelo menos inicialmente.

Linguagem corporal

Por Roland Lubett

Frequentemente pensamos na comunicação como sendo apenas as palavras que dizemos e ouvimos e a maneira como elas são ditas. Contudo, a comunicação é muito mais do que isso.

Tudo o que fazemos, desde nossas expressões faciais até a maneira como posicionamos nosso corpo, comunica algo sobre nós, nossos pontos de vista e nossas emoções. Isso é muitas vezes chamado de “linguagem corporal”.

Estima-se que, em um contexto presencial, mais da metade da nossa comunicação seja não verbal. Em outras palavras, são as nossas expressões e o nosso corpo que realizam grande parte da conversa.

- **Expressão facial**

Quando não podemos ver o rosto de uma pessoa, pode ser difícil saber se ela está feliz, triste, brincando ou falando a sério. Nosso rosto – principalmente os olhos e a boca – transmite nosso humor e nossos sentimentos.

- **Postura**

A maneira como nos comunicamos com nosso corpo varia de país para país. Por exemplo, manter contato visual e inclinar-se levemente para a frente pode indicar interesse em algumas culturas, enquanto que, em outras, pode fazer com que a outra pessoa se sinta pouco à vontade. Quando e como nos sentamos e nos levantamos também comunica diferentes coisas em diferentes contextos.



Ilustrações: Petra Röhr-Rouendaal, *Where there is no artist* (segunda edição).

- **Gestos**

O que é considerado adequado em termos de gestos varia muito por todo o mundo. Por exemplo, uma forma de saudação padrão pode ser um aperto de mão, uma reverência ou um beijo no rosto, dependendo do país. A maneira como os homens e as mulheres interagem uns com os outros em público também varia entre as culturas.

Quanto mais cientes estivermos dessas mensagens não verbais, maior será nossa capacidade de mostrar respeito pelas pessoas com quem interagimos e evitar ofendê-las.

Isso é particularmente importante quando nos comunicamos com pessoas que falam um idioma ou usam uma língua de sinais que diferem dos nossos. Além disso, ao falarmos com pessoas com perda de visão ou ao telefone, precisamos escolher nossas palavras com cuidado para que o nosso tom de voz transmita os pensamentos e sentimentos que elas não podem ver no nosso rosto.

Roland Lubett trabalhou como facilitador do curso de Mestrado em Desenvolvimento Transformacional na Eastern College Australia.

eastern.edu.au

“Estima-se que, em um contexto presencial, mais da metade da nossa comunicação seja não verbal.”



O direito de comunicação

“Eu vivia no povoado de Benipur, em Bihar, na Índia. Quando a enchente chegou à noite, ela levou pessoas e suas camas. Não tínhamos água para beber – mesmo com tanta água ao nosso redor. Lembro-me das pessoas passando fome por dias. Essa foi uma época de muito sofrimento.”

Essas são as palavras de Renu Devi que, após as inundações devastadoras que ocorreram em Bihar, em 1987, mudou-se com o marido para um assentamento informal nos arredores de Delhi, onde eles vivem até hoje.

Renu gravou essas palavras e mais detalhes da sua história em um pequeno vídeo depois de participar de um projeto realizado pela organização local Ideosync Media Combine. Os participantes aprenderam a usar o celular para tirar fotos, gravar áudios e vídeos, editar histórias fotográficas curtas e navegar na internet.

O objetivo do projeto era desenvolver habilidades e criar novas oportunidades de comunicação para pessoas cuja voz raramente é ouvida.

Uma facilitadora disse: “As mulheres choraram ao gravarem sua própria voz e falaram das dificuldades

pelas quais passaram. Elas contaram histórias sobre suas mães, questionaram a desigualdade de gênero e aprenderam a denunciar problemas relacionados com o descarte de lixo e a educação.” As mulheres também gravaram histórias sobre o tratamento injusto dos inquilinos por parte dos proprietários, a falta de eletricidade em casa e a dificuldade de ganhar a vida vendendo verduras e legumes na rua.

Direitos de comunicação

A comunicação – inclusive a fala, a língua de sinais, o braille, a escrita, as imagens, os gestos e outras formas de expressão – desempenha um papel essencial no florescimento das pessoas, famílias, comunidades e nações. A comunicação livre e aberta contribui para o progresso científico e social e grandes realizações artísticas e culturais. Ela promove o desenvolvimento sustentável, a igualdade de gênero, a reconciliação e a paz.

No entanto, milhões de pessoas não têm os meios ou a oportunidade de se comunicarem livremente. Elas também podem não ter acesso a informações relevantes e corretas, tais como recomendações

▣ **Membros da comunidade de migrantes em Delhi aprendendo a usar telefones celulares para gravar suas histórias.**
Foto: Ideosync Media Combine





❏ É importante que todos tenham a oportunidade de se fazerem ouvir. Foto: Ideosync Media Combine

de saúde ou informações sobre novas iniciativas governamentais.

Isso se deve a vários motivos, entre eles a discriminação, a opressão, o analfabetismo, as barreiras linguísticas e, na atual era digital, a falta de acesso a tecnologia.

Adotar uma abordagem de comunicação baseada nos direitos consiste em dar prioridade às pessoas marginalizadas e reduzir as desigualdades para que todos possam participar dos processos de tomada de decisão. Também inclui exigir a prestação de contas por parte das pessoas e organizações (inclusive dos governos) quando o direito de comunicação não for reconhecido como sendo importante ou não for respeitado da maneira que deve ser.

Novas habilidades

Os participantes do projeto de Delhi produziram 37 histórias no total, as quais foram apresentadas em várias exposições públicas e ajudaram as mulheres a estabelecer relações com organizações não governamentais locais.

Poornima, uma jovem de Badarpur, falou com entusiasmo sobre como aprendeu a tirar fotos melhores e fazer vídeos para mostrar à sua

“Adotar uma abordagem de comunicação baseada nos direitos consiste em reduzir as desigualdades para que todos possam participar dos processos de tomada de decisão.”

comunidade. Ela disse que tem esperança de que outras jovens tenham a mesma oportunidade. “Todas as jovens deveriam ter a chance de fazer algo na vida”, disse ela, acrescentando que está ensinando outras jovens para que elas também possam contar suas histórias.

A World Association for Christian Communication (WACC – Associação Mundial para a Comunicação Cristã) promove o direito de todos de se comunicarem e se manterem em comunicação, da mesma forma que todos têm direito à alimentação, ao abrigo e à segurança. A WACC trabalha em parceria com organizações locais por todo o mundo, entre elas, a Ideosync Media Combine, em Delhi, na Índia.

waccglobal.org

Apoio aos facilitadores locais

Por Eva e Sara Mamani Añamor

Ana cresceu em uma família típica boliviana, em que era esperado que as mulheres permanecessem em silêncio. Porém, seu marido, um pastor de igreja, conseguia ver sua sabedoria e sabia que sua voz deveria ser ouvida. Assim, aos poucos, ele começou a treiná-la e prepará-la como facilitadora.

Um dia, o marido de Ana anunciou que queria que ela facilitasse uma reunião da igreja. Ela ficou apavorada e respondeu: “Não! Eu não sei falar em público!” O marido gentilmente respondeu: “Deus deu-lhe talentos e você deve usá-los para ajudar outras mulheres a crescer, assim como você cresceu”.

Ao ser chamada para a falar na frente de todos, Ana não parava de sussurrar: “Eu não vou conseguir!” Porém, ela olhou para as filhas sentadas na primeira fileira e para as outras mulheres na sala e decidiu tentar.

Como Ana usou sua cordialidade e personalidade para facilitar com grande habilidade o encontro, muitas mulheres encontraram coragem para falar e suas filhas sentiram-se inspiradas para seguir seu exemplo.

Desenvolvimento de confiança

Ana era nossa mãe. Infelizmente, ela faleceu em 2017, mas, em nosso trabalho como treinadoras de facilitadoras de grupos de poupança, muitas vezes pensamos na maneira como ela nos incentivou – assim como a muitas outras pessoas – a sermos corajosas, nos manifestarmos, nos envolvermos e usarmos nossos dons e talentos.

Quando trabalhamos com novas facilitadoras, temos em mente os princípios encontrados na próxima página, que aprendemos com Ana.

📍 Sara (à frente) e Eva facilitando uma discussão em grupo. Foto: Scott e Noll/Five Talents





Dicas de treinamento

Como incentivar os facilitadores

1 Use a linguagem do coração

É importante se comunicar de uma forma que faça você se conectar com as pessoas para que mostrem o que elas têm de melhor. Isso vai além de palavras. Ana descobriu que a melhor maneira de ajudar as mulheres da zona rural na Bolívia a se sentirem confiantes o suficiente para falar era sorrir e escutar atentamente o que elas tinham a dizer.

2 Compartilhe atividades práticas

Ana preparava comida com as pessoas, e elas conversavam, riam e aprendiam juntas enquanto cozinhavam.



❏ A cordialidade e a bondade de Ana faziam vir à tona o que as pessoas tinham de melhor.

Foto: Sara Mamani Añamor

3 Promova a conversa

As discussões em pequenos grupos permitem-nos ver que Deus nos forneceu muitas respostas.

4 Sirva de modelo no que diz respeito às habilidades de facilitação

Ao superar seu medo de falar em público, Ana inspirou muitas outras mulheres a se tornarem facilitadoras também.

5 Celebre a participação

Receber um certificado de treinamento é uma honra que pode ser celebrada por toda a família. Isso é especialmente importante para as pessoas que nunca receberam um certificado antes.

6 Caminhe lado a lado com as pessoas

Os novos facilitadores precisam saber que não estão sozinhos. Seja um bom amigo para eles e participe da sua vida, suas preocupações e suas alegrias.

7 Incentive as pessoas

As pessoas podem ser muito críticas consigo mesmas, especialmente quando estão aprendendo novas habilidades. Certifique-se de que os novos facilitadores vejam todas as coisas boas que estão fazendo.

8 Prepare-os para as dificuldades

Às vezes, os facilitadores enfrentam dificuldades. Ana recebeu o título de pastora, mas depois esse lhe foi tirado porque ela não tinha sua própria igreja. Ela não desanimou e disse: “O maior título que receberei será de Deus. Ele conhece meu trabalho”.

Eva e Sara Mamani Añamor são treinadoras dos grupos de poupança Five Talents/Chalmers da organização local Semillas de Bendición Bolívia.

Acesse chalmers.org/training/restore-savings para baixar ferramentas para facilitadores de grupos de poupança em inglês, francês ou espanhol.

Mídia centrada na comunidade

Por Johnny Fisher

Desde 2017, um grupo comunitário chamado Naway Saher (Novo Amanhecer), que trabalha no norte do Paquistão, apresenta regularmente programas de rádio para promover discussões sobre saúde, higiene, inclusão social e infraestrutura local. Esses programas participativos, que pertencem aos moradores locais e são transmitidos no idioma local, são um exemplo de mídia centrada na comunidade.

A mídia centrada na comunidade é diferente de uma campanha de mídia. As campanhas de mídia

geralmente se concentram em resultados de desenvolvimento ou de saúde específicos, enquanto que a mídia centrada na comunidade reúne as pessoas para ouvir, discutir e agir a fim de superar os desafios locais. Ela também pode ajudar as pessoas em desvantagem ou que sofrem injustiças a se manifestarem e serem ouvidas.

Oportunidade para se manifestar

No Paquistão, os voluntários do grupo Naway Saher ouviram vários membros da comunidade cujo dinheiro havia sido roubado.

O governo havia introduzido um programa para que as pessoas com renda muito baixa recebessem assistência médica. No entanto, como o nível de escolaridade dos beneficiários pretendidos era

“A mídia centrada na comunidade é algo que pessoas de todos os contextos podem aprender a fazer.”



Um grupo de voluntários aprendendo a fazer entrevistas comunitárias no Paquistão. Foto: Hazeen Latif/Amplifying Voices Paquistão

baixo, muitos não haviam entendido o processo para solicitar essa assistência, e seus pedidos foram rejeitados.

Algumas pessoas, aproveitando-se desses conhecimentos limitados, começaram a pedir aos moradores dos povoados que lhes pagassem uma taxa para que elas fizessem sua inscrição no programa, mas, em vez disso, ficavam com o dinheiro para si. Consequentemente, muitas famílias de baixa renda perderam dinheiro além de não receberem a assistência médica do governo.

O Naway Saher transmitiu entrevistas com as famílias afetadas. As pessoas que haviam roubado o dinheiro ouviram o programa, e sentiram a necessidade de entrar em contato. O Naway Saher organizou um evento para a entrega do dinheiro, durante o qual os ladrões devolveram os fundos aos membros da comunidade afetada. Em troca, a comunidade concordou em não tomar outras medidas.

Diferentes modelos

A mídia centrada na comunidade aborda questões levantadas pela comunidade e faz com que as pessoas falem sobre suas ideias, esperanças e preocupações. Os programas geralmente incluem músicas e dramatizações para ajudar as pessoas de diferentes contextos ou opiniões a se entenderem melhor. Durante os programas ao vivo, às vezes os ouvintes são convidados a enviar mensagens ou ligar para os apresentadores se quiserem participar das discussões ao vivo sobre um tópico específico.

Os programas do Naway Saher são transmitidos em horários dedicados a questões comunitárias em uma estação de rádio comercial local. Outros grupos comunitários administram suas próprias estações de rádio. Em locais onde não há cobertura de rádio ou é muito caro montar uma estação de rádio comunitária, podem ser usadas gravações de áudio chamadas podcasts, que podem ser distribuídas em cartões de memória entre grupos de ouvintes (veja as próximas páginas).

Para todos

Um elemento importante da mídia centrada na comunidade é a maneira como as atividades transmitidas, tais como as radiodifusões, são vinculadas a atividades não transmitidas, tais como eventos comunitários e cursos de treinamento. O conteúdo de áudio reforça e inspira os eventos não transmitidos, e as atividades comunitárias inspiram e moldam o conteúdo transmitido relevante.



Voluntários do grupo comunitário Naway Saher praticando o uso de gravadores de voz. Foto: Hazeen Latif/Amplifying Voices Paquistão

No Quênia, por exemplo, durante as eleições, uma estação de rádio comunitária forneceu informações sobre como as eleições funcionam e transmitiu histórias de representantes de dois grupos que costumavam estar em conflito. Os ouvintes disseram que isso os ajudou a entender como era fazer parte da outra comunidade, e as eleições ocorreram pacificamente.

A mídia centrada na comunidade é algo que pessoas de todos os contextos podem aprender a fazer. Em qualquer comunidade ou grupo, sempre há algumas pessoas que são mais capazes em coisas técnicas e outras que são muito criativas, mas um requisito fundamental para todos é estar aberto para escutar os outros, reconhecer seus pontos fortes e respeitar suas histórias.

Johnny Fisher é um dos sócios da Amplifying Voices.

A Amplifying Voices prepara as comunidades com ferramentas de mídia para fazer com que as pessoas falem, ouçam e ajam. Se você tiver interesse em montar um projeto de mídia centrada na comunidade, entre em contato com a equipe da Amplifying Voices através do site: amplifyingvoices.uk

Podcasts comunitários

Um podcast é uma gravação de áudio que pode incluir entrevistas com a comunidade, conversas, notícias, informações sobre saúde, música e dramatizações da mesma forma que um programa de rádio.

Os podcasts são particularmente úteis em áreas onde não há cobertura de rádio ou onde as estações de rádio locais não querem transmitir conteúdos centrados na comunidade. Os podcasts também podem ser usados em contextos em que certos tópicos de discussão são sensíveis demais para serem transmitidos em estações de rádio públicas.

Em vez de precisarem sintonizar uma estação de rádio em um horário específico, as pessoas podem ouvir podcasts quando for conveniente e com a frequência que desejarem.

Criação e uso de podcasts comunitários



- 1 Usando um equipamento de gravação simples (por exemplo, um telefone celular), os membros da comunidade falam sobre assuntos que são importantes para eles.

Conscientização sobre a saúde

Em uma parte remota da Índia, as comunidades adivasi não têm acesso a rádio, televisão ou telefones celulares. Muitas pessoas não sabem ler e há falta de conscientização sobre a saúde.

Os podcasts com histórias da comunidade apresentados regularmente estão oferecendo às pessoas a oportunidade de se encontrarem em grupos, fazerem perguntas, discutirem questões delicadas e aprenderem mais sobre a saúde. Como resultado dos podcasts, as comunidades têm relatado mudanças nas práticas de higiene, melhores cuidados para as mães durante o parto e mais conhecimentos sobre a água potável.



- 2 Um grupo local responsável pela criação dos podcasts prepara-os e salva-os em cartões de memória.



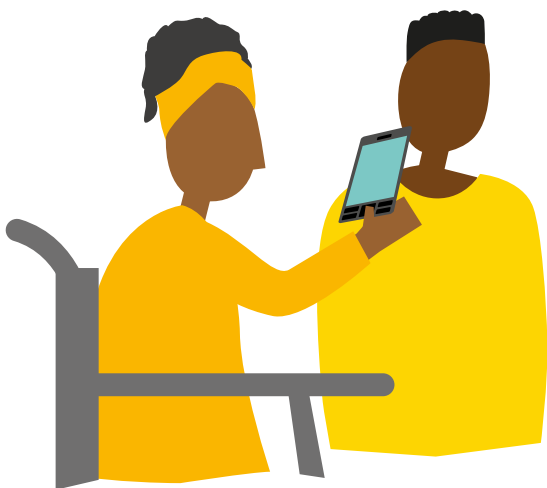
Caixas de som

As caixas de som são dispositivos eletrônicos que reproduzem arquivos de áudio, tais como podcasts e música. Os arquivos são armazenados em cartões de memória removíveis. Os dispositivos têm alto-falantes embutidos para que pequenos grupos de pessoas possam ouvir os arquivos ao mesmo tempo.

- 3** Os cartões de memória são distribuídos entre grupos de ouvintes da comunidade, que se reúnem em torno de caixas de som obtidas no local para ouvir e discutir os podcasts. Esses grupos incluem os membros mais vulneráveis da comunidade e cada um deles tem um facilitador para garantir que as opiniões de todos sejam ouvidas. Os podcasts também podem ser compartilhados com outras pessoas pela internet ou via Bluetooth se não houver conexão de internet.



- 5** Podem ser usadas caixas de som grandes para reproduzir podcasts em locais públicos, como praças de mercado e centros de saúde.



- 4** Durante as discussões do grupo de ouvintes, as pessoas podem gravar seus pontos de vista usando um telefone celular. Esses cliques de áudio podem ser incluídos em futuros podcasts.

Treinamento

Pode ser necessário fornecer treinamento para garantir que um número suficiente de voluntários da comunidade saiba como gravar os conteúdos e preparar os podcasts. Um projeto como esse deve pertencer à comunidade desde o início, com ênfase especial no envolvimento de pessoas cujas opiniões não são normalmente ouvidas, como, por exemplo, os jovens, as mulheres e as pessoas com deficiência.

Teatro comunitário



❏ No Nepal, o teatro de rua e a dança são usados para incentivar a discussão sobre diferentes questões. Foto: Lloyd Kinsley/Tearfund

O teatro – inclusive a dramatização, a mímica, a música e a dança – pode ser uma maneira eficaz de contar histórias, compartilhar informações e incentivar a discussão. O impacto geralmente é particularmente significativo quando as pessoas não apenas assistem ao desenrolar da história, mas também participam dela.

O teatro é capaz de:

- ultrapassar barreiras linguísticas e culturais;
- apelar para nossas emoções e paixões e mostrar nossos preconceitos;
- nos desafiar a enfrentarmos aspectos da nossa vida que procuramos ignorar.

Questões sensíveis

Muitas questões sensíveis, que podem ser delicadas ou perigosas demais para serem discutidas abertamente, podem ser exploradas através do teatro. Desempenhar o papel de um personagem diferente permite que as pessoas digam coisas que não conseguiriam dizer com sua própria voz. Às vezes, o humor pode ajudar a lidar com questões difíceis ou sensíveis sem causar ofensa.

No Laos, por exemplo, os jovens estão usando a dramatização para compartilhar mensagens sobre

o tráfico humano, as drogas e o HIV. Com isso, eles conquistaram o respeito dos mais velhos e o grupo de jovens agora tem um assento nas reuniões de planejamento do povoado. Este é um avanço em uma cultura onde a idade e a hierarquia social são altamente valorizadas.

Defesa e promoção de direitos

O teatro pode ser usado para chamar a atenção das pessoas para questões comunitárias em que elas talvez possam ajudar. Alguns anos atrás, no Mali, atores do povoado encenaram uma peça que mostrava uma família conversando com um líder comunitário e contando-lhe sobre sua necessidade urgente de uma nova fonte de água. Como resultado, o chefe do povoado na vida real concordou em deixar a comunidade trabalhar com uma ONG local para atender às suas necessidades.

Terapia

O teatro pode ser usado como terapia para ajudar as pessoas a superar problemas de saúde mental, tais como o trauma. No Haiti, sobreviventes do terremoto foram convidados a participar de dramatizações (desempenhando o papel de um personagem de forma espontânea

e não roteirizada) para ajudá-los a processar o trauma que haviam vivenciado. Escrever e apresentar canções também pode ajudar as pessoas a expressar seus sentimentos. Esse uso do teatro geralmente requer treinamento e compreensão especiais.

Participação do público

Uma peça pode ter vários finais alternativos, em vez de apenas um. Isso incentiva as pessoas a pensar nas alternativas e considerar o que elas pessoalmente fariam.

Para ajudar o público a se envolver com um problema, podem ser feitas perguntas durante ou depois da dramatização, tais como “O que você gostaria que acontecesse a seguir?” ou “Por que você acha que o personagem agiu dessa maneira?”. As pessoas também podem ser convidadas a participar da apresentação como membros extras do elenco.

Adaptado de um artigo de Tim Prentki e Claire Lacey, publicado pela primeira vez na Passo a Passo 58 – Teatro para o desenvolvimento.



Estudo de caso Vidas transformadas

Por Cally Magalhães

Foto: Cally Magalhães



Alexandre estava em sua moto, parado em um semáforo e esperando que ele abrisse. De repente, dois adolescentes correram até ele, fingiram apontar armas para sua cabeça e gritaram para que ele descesse da moto.

“NÃO SE MEXE!”, eu disse, seguido de “Alexandre, o que você está pensando neste exato momento? O que está sentindo?”

Dramatização

Eu estava na prisão juvenil de São Paulo, no Brasil, trabalhando com meninos e jovens que haviam cometido crimes graves. Muitos deles haviam sido presos várias vezes, inclusive Alexandre.

Eu estava incentivando os meninos a usar a dramatização de papéis para encenar momentos da sua vida e, nessa ocasião, Alexandre estava desempenhando o papel de alguém que ele havia assaltado.

Quando perguntei a Alexandre o que estava sentindo, ele se virou para os meninos que fingiam roubá-lo e gritou: “Não, vocês não podem roubar minha moto! Esta é a minha moto. Eu comprei ela com o meu próprio dinheiro e preciso dela para trabalhar.”

Esse foi um momento decisivo para Alexandre. De repente, ele percebeu que não queria mais roubar e assustar as pessoas.

Psicodrama

Nas prisões, usamos o psicodrama – uma forma de psicoterapia de grupo – para ajudar os meninos a seguirem em frente com sua vida. À medida que desempenham papéis e discutem diferentes situações, eles começam a entender como seu comportamento afeta as pessoas ao seu redor.

Hoje, Alexandre possui sua própria barbearia e começou a ensinar como cortar cabelo a outras pessoas. Às vezes, ele visita a prisão comigo e conta sua história, incentivando os meninos a participar das sessões de psicodrama e desenvolver a perspectiva necessária para escolher um novo rumo.

Cally Magalhães é uma profissional da área de teatro e diretora do Projeto Águia, no Brasil. Ela escreveu uma autobiografia chamada Dancing with Thieves traduzida para o português com o título Do Palco para a Prisão.

Como Deus se comunica

Por Rei Lemuel Crizaldo

Quando Adão e Eva esconderam-se no Jardim do Éden, Deus imediatamente perguntou “Onde está você?” (Gênesis 3:8-9). O motivo disso era que Deus valorizava seu relacionamento com eles, e os relacionamentos dependem da comunicação.

Na Bíblia, lemos que Deus se comunica com as pessoas de muitas maneiras diferentes. À medida que estudamos e discutimos a palavra de Deus, o Espírito Santo ajuda-nos a entender o profundo desejo de Deus de se conectar conosco e se fazer conhecido.

Criação

O esplendor e a complexidade da criação mostram a criatividade de Deus na comunicação (Salmo 19:1-4). Foi por isso que Paulo escreveu que a verdade sobre Deus é algo facilmente acessível a todos. “Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas” (Romanos 1:20).





Perguntas para discussão

- Como você e Deus se comunicam entre si?
- Você sabe ouvir a Deus? Você sente que Deus o/a ouve?
- Como o exemplo de Jesus pode nos ajudar a nos comunicarmos bem com os outros – tanto verbal quanto não verbalmente?

Sinais e maravilhas

Deus comunica-se diretamente com as pessoas “muitas vezes e de várias maneiras” (Hebreus 1:1). Por exemplo, o Antigo Testamento mostra Deus falando através de uma sarça em chamas (Êxodo 3), uma densa nuvem (Êxodo 19:9) e no murmúrio de uma brisa suave (1 Reis 19:12). O Espírito Santo também se comunica com as pessoas através de sonhos, visões, palavras de conhecimento e profecias (Joel 2:28 e 1 Coríntios 12:1-11).

Jesus

A forma como Deus melhor se comunica conosco é através de seu filho, Jesus (Hebreus 1:1-2). Deus sabia que não havia uma forma melhor de entendermos a profundidade de seu propósito para nós do que se tornando humano e vivendo entre nós.

Durante o tempo que passou na Terra, Jesus usou uma comunicação verbal e não verbal, como Deus deseja, cheia de graça e de verdade (João 1:14):

- ele ouvia atentamente o que as pessoas lhe diziam e fazia muitas perguntas (por exemplo: João 5:6);
- ao ensinar através de parábolas e histórias, ele mostrou como a verdade é revelada tanto em mistério quanto em simplicidade (por exemplo: Mateus 13);

- ao estender a mão para curar e abençoar, ele mostrou sua compaixão de maneiras que não seriam possíveis usando apenas palavras (por exemplo: Mateus 8:3 e Marcos 10:16);
- ao chorar pela morte de seu amigo, ele revelou o quanto valorizava os relacionamentos (João 11:35);
- ao passar tempo com pessoas à margem da sociedade, ele enfatizou que o Evangelho é para todos (por exemplo: Mateus 9:10);
- ao não deixar as pessoas irem para casa com fome, ele mostrou que as palavras e as ações andam juntas (por exemplo: Marcos 6:30-44);
- ao se abaixar para lavar os pés de seus discípulos, ele mostrou humildade e servidão (João 13:5);
- ao sofrer voluntariamente na cruz, ele mostrou como o amor é revelado por meio das nossas ações (1 João 3:16);
- ao vencer a morte, Jesus deixou claro que há esperança para o futuro (1 Pedro 1:3).

Rei Lemuel Crizaldo é formado em teologia e em comunicação de massa. Ele coordena o trabalho da equipe de Teologia e Engajamento em Redes da Tearfund no Leste e no Sudeste Asiático.

Aprendizagem conjunta

Por Yunana I. Malgwi e Katharine Norton

Quando Jesus se comunicava com as pessoas, ele muitas vezes ligava o que estava dizendo ao que elas podiam ver ao seu redor. Isso as ajudava a compreender e se lembrar dos seus ensinamentos.

De maneira semelhante, a equipe de Fé e Agricultura da SIL, na Nigéria, procura se comunicar com os agricultores de maneiras que estejam ligadas às suas experiências diárias de agricultura e fé. Isso inclui a comunicação bíblica, a comunicação prática, a comunicação oral e a comunicação acessível, as quais estão ligadas entre si.

Comunicação bíblica

Quando os agricultores nigerianos leem as palavras “maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela”, em Gênesis 3:17, muitos chegam à conclusão de que a agricultura é uma maldição. Isso cria uma percepção ruim de si mesmos e seu trabalho, bem como um sentimento de desesperança diante dos desafios.

Quando explicamos que o próprio Deus plantou o Jardim do Éden e que ele ordenou que Adão o cultivasse e cuidasse dele (Gênesis 2:15), o entendimento deles é transformado!

Um agricultor nigeriano disse: “Fiquei muito feliz ao ler que Deus plantou muitas coisas... Isso me incentiva a continuar trabalhando na lavoura e não sentir mais vergonha. Agora que sei que Deus se interessa pela minha lavoura, pedirei a Ele que abençoe meu trabalho antes de plantar”.

Os participantes das nossas oficinas de treinamento observam que estudar passagens bíblicas sobre agricultores e a agricultura ajuda-os a criar confiança e compreender melhor o que significa vivenciar a fé em sua vida diária.

Um participante disse: “Ao vermos como Moisés ajudou as filhas de Jetro a buscar água para suas ovelhas (Êxodo 2:16-19), fomos desafiados a nos ajudarmos mais no trabalho agrícola”.

📍 Agricultores nigerianos locais discutindo suas ideias. Foto: Yunana I. Malgwi/SIL





📍 Uma participante do Programa Fé e Agricultura verificando suas plantações. Foto: Yunana I. Malgwi/SIL

Comunicação prática

Os agricultores são muito práticos. Ao usarmos unidades demonstrativas, fotos e vídeos, podemos mostrar o que é possível alcançar através das práticas agrícolas sustentáveis. Ao experimentarem as técnicas por si próprios, os agricultores adaptam-nas às suas necessidades agrícolas específicas.

Um participante disse: “Ficamos inspirados ao vermos as fotos de todas as diferentes ideias... O que mais cultivamos é inhame e feijão na estação chuvosa, mas vimos que há várias ideias que podemos experimentar para cultivar alimentos para nossa família o ano todo”.

Comunicação oral

Na Nigéria, os conhecimentos agrícolas tradicionais são passados de geração em geração através do trabalho conjunto e de contos populares, parábolas e histórias orais.

Com base nisso, incentivamos os participantes da oficina de treinamento a discutir ideias juntos, em grupos. Os agricultores ajudam uns aos outros a se lembrarem da sabedoria de seus ancestrais e frequentemente ficam tristes por terem se esquecido de certas habilidades. Nas discussões, eles identificam pessoas que se lembram dessas

Leitura adicional

Baixe os materiais de aprendizagem do Programa Fé e Agricultura em nigeria.sil.org/resources/archives/90514

habilidades e que podem ensiná-las novamente na comunidade.

“Costumávamos armazenar nossos grãos em celeiros tradicionais, que os mantinham a salvo dos ratos”, disse um agricultor. “Mas nosso solo está cansado e não produz o suficiente para enchermos um celeiro. Agora estamos nos lembrando de que podemos usar esterco animal para fertilizar o solo e estamos animados com a possibilidade de melhorarmos nossa colheita. Um tio disse que sabe como construir um celeiro e ele vai nos ensinar.”

Comunicação acessível

Quando se comunicava com as pessoas, Jesus falava de maneira clara e acessível e, muitas vezes, usava histórias para ilustrar o que estava dizendo.

Da mesma forma, tentamos sempre usar um vocabulário claro e exemplos relevantes. Tudo é traduzido e interpretado no idioma local e os participantes são incentivados a discutir os materiais e as histórias bíblicas em seu próprio idioma.

Isso os ajuda a perceber que as passagens da Bíblia são relevantes para eles e seu trabalho e que eles podem se voltar para Deus em oração no idioma do seu coração.

Yunana I. Malgwi e Katharine Norton trabalham para a SIL na Nigéria e fundaram juntos o Programa de Fé e Agricultura.

A SIL trabalha em parceria com comunidades por todo o mundo com a finalidade de desenvolver soluções linguísticas para expandir suas possibilidades de uma vida melhor.

Espaço infantil

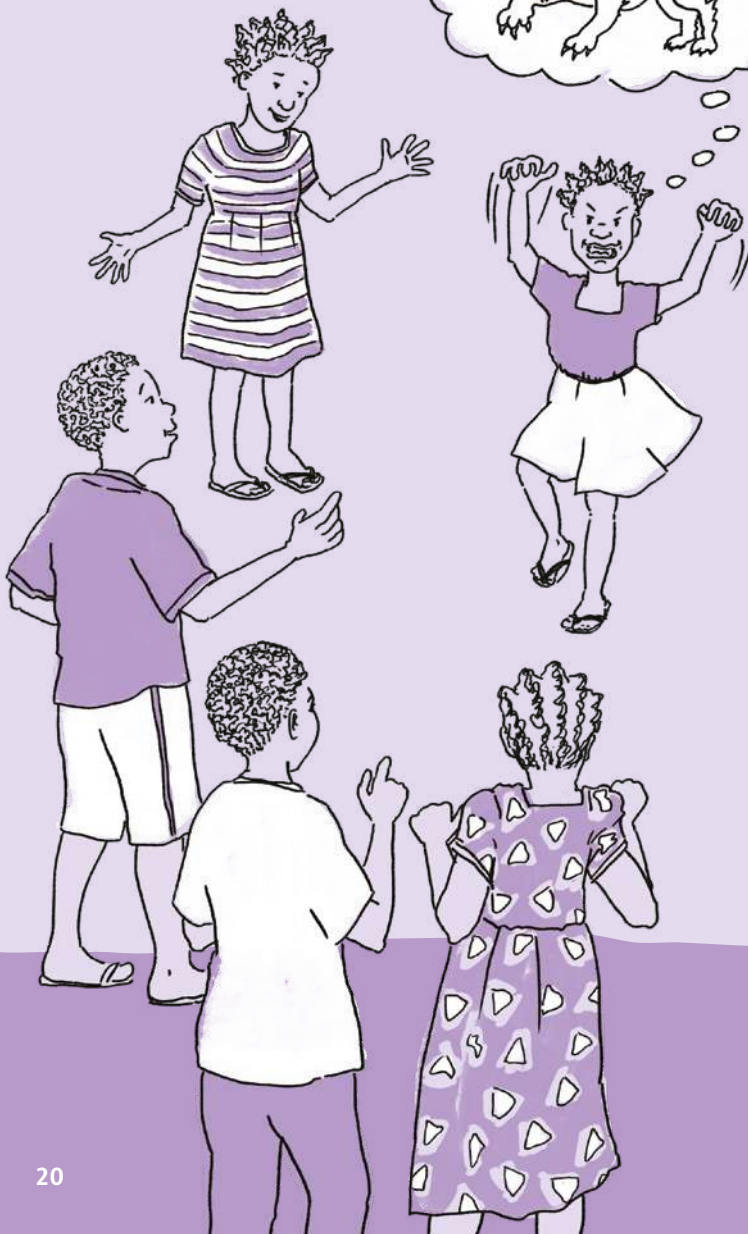
Comunicação

Aqui estão dois jogos divertidos para você jogar com seus amigos.

Sem palavras

Os participantes, um de cada vez, pensam em um objeto e tentam descrevê-lo sem usar palavras.

Por exemplo, se você pensar em uma fruta, você pode fazer o formato com as mãos e, então, fingir que a está preparando e comendo. Ou, se pensar em um animal, você pode imitar a maneira como ele anda ou algum outro comportamento típico desse tipo de animal.



Invente uma história

Este jogo dá a todos uma oportunidade de acrescentarem suas ideias a uma história inventada. A história pode ser tão engraçada e boba quanto você quiser!

Os participantes formam uma roda de pé ou sentados e decidem quem começará. A primeira pessoa, então, começa a contar uma história, mas, depois de algumas frases, ela para e diz: "E então...". E a próxima pessoa ao seu lado continua a história.

Depois de algumas frases, a segunda pessoa para e diz "E então...", passando a vez para a próxima pessoa. Isso é feito até que todos tenham tido sua vez.

Para variar mais o jogo, coloque alguns objetos no meio da roda: uma pena, um copo, uma meia e um graveto, por exemplo. Todos os participantes precisam incluir pelo menos um desses objetos ao contarem sua parte da história.

Desafio de memorização!

Deus comunica-se conosco através da sua palavra, a Bíblia. Quanto mais lermos ou ouvirmos a Bíblia, mais entenderemos sobre Deus e seu amor por nós.

Você conseguiria aprender este versículo da Bíblia?

“A tua palavra é lâmpada que ilumina os meus passos e luz que clareia o meu caminho.”

Salmo 119:105



Vídeo participativo

Por Ulan Garba Matta

Um vídeo participativo é um filme que é planejado e criado em conjunto por uma comunidade ou grupo. O processo ajuda as pessoas a examinar questões, contar histórias, expressar preocupações e promover mudanças.

Um vídeo participativo pode:

- inspirar as comunidades para agirem com base no que descobriram e discutiram durante o processo de produção do vídeo;
- ajudar as comunidades a comunicar suas necessidades e ideias a outras pessoas, inclusive aos tomadores de decisões locais;
- ser usado para compartilhar lições aprendidas entre as comunidades;
- ajudar as comunidades a refletir sobre o impacto e a eficácia de suas atividades e projetos.

Cinema coletivo

Aqui estão algumas dicas para grupos comunitários de como criar seus próprios vídeos participativos.

- 1** Comece com filmagens simples para que todos se acostumem com a câmera. A melhor maneira de aprender é experimentando, tentando coisas novas e se divertindo juntos!
- 2** Trabalhe em grupo para desenvolver um esboço da história que vocês gostariam de contar ou das questões que desejam abordar. Esse plano pode mudar, mas será um bom guia para as suas conversas.
- 3** Além de filmar pessoas, filme também a área ao redor para mostrar o contexto. Por exemplo: a entrada da comunidade, campos, casas, lojas e cenas na rua.
- 4** Sempre peça permissão antes de filmar pessoas de fora do seu grupo, mesmo que vocês as conheçam bem.
- 5** Se usar um celular para filmar, segure-o horizontalmente (com o lado mais longo para baixo) em vez de verticalmente (com o lado mais curto para baixo).



Produção de um filme comunitário em Delhi, na Índia.
Foto: Ideosync Media Combine

- 6** Certifique-se de que a qualidade do som seja boa se for gravar pessoas falando, cantando ou tocando instrumentos musicais etc. Se estiver ventando, o vento pode distorcer o som. Nesse caso, se possível, use um microfone externo.
- 7** Quando a versão inicial do seu vídeo estiver pronta, mostre-a à comunidade para que as pessoas possam fazer perguntas e sugestões.
- 8** Use as sugestões para ajudar a terminar seu vídeo. Certifique-se de que todas as pessoas que participaram tenham a chance de vê-lo antes de compartilhá-lo com outros de fora da comunidade.

Além de um vídeo, também pode-se usar uma série de fotografias para contar uma história ou estimular a discussão sobre uma questão. Essa pode ser uma abordagem mais fácil para algumas comunidades.

Ulan Garba Matta é uma cineasta, escritora e contadora de histórias nigeriana.



Estudo de caso

O choro da viúva

Por **Chris Lunch**

Dez mulheres da pequena vila de Kulbia, em Gana, participaram da produção de um vídeo participativo para explorar e documentar as questões relacionadas com a terra que afetam as viúvas em sua comunidade.

Estima-se que haja 50 mil viúvas na região do Alto Leste de Gana. As práticas tradicionais variam, mas, em todas as comunidades, as viúvas acabam perdendo suas terras após a morte do marido.

O grupo de Kulbia era formado por mulheres de diferentes idades e com diferentes experiências. Nenhuma era alfabetizada e elas nunca haviam operado equipamentos de vídeo antes. Elas aprenderam o básico de como fazer um vídeo através de uma série de jogos e exercícios

e trabalharam juntas por vários meses para criar um vídeo muito eficaz sobre a corrupção na comunidade e a consequente perda de terras por parte das pessoas mais vulneráveis: as viúvas.

Seu pequeno vídeo “*Pakorpa Susangho*” (O Choro da Viúva) tem sido assistido e discutido amplamente em exposições comunitárias e vários eventos nacionais e internacionais. Chefes de comunidades, líderes da sociedade civil e políticos do governo local e nacional têm assistido às exposições e muitos fizeram promessas públicas de apoiar as viúvas e proteger seus direitos à terra.

As viúvas de Kulbia relataram melhorias significativas em seus relacionamentos e sua posição na comunidade. Outras mulheres conscientizaram-se mais sobre essas questões e pediram para participar das discussões. Duas integrantes da comunidade sentiram-se inspiradas para fazer um curso de assistente jurídico.

Uma participante disse: “Costumávamos apenas sussurrar nossos problemas entre nós mesmas, as viúvas. Jamais poderíamos tê-los discutido abertamente... muito menos com o chefe! Agora, nossos problemas estão sendo compartilhados e sentimos que há mudanças no ar”.

Chris Lunch é o cofundador da InsightShare e lidera a estratégia geral, as operações e a gestão financeira da organização.

A InsightShare usa vídeos participativos para capacitar cidadãos, melhorar as pesquisas e impulsionar a inovação.

insightshare.org



❏ Mulheres em Kulbia, em Gana, aprendendo a usar uma câmera. Foto: Gareth Benest/InsightShare

Recursos

Desenvolvendo as capacidades de grupos locais – um guia Pilares

Escrito por Isabel Carter

Este guia ajuda os grupos a melhorar sua comunicação, eficácia e atividades. Os guias Pilares oferecem uma aprendizagem prática, baseada em discussões sobre desenvolvimento comunitário. Disponível em português, inglês, espanhol e francês. learn.tearfund.org

The Culture Map (O Mapa da Cultura)

por Erin Meyer

Este livro discute diferentes aspectos da comunicação intercultural e examina algumas das diferenças nos estilos de comunicação ao redor do mundo. Acesse erinmeyer.com para comprar um exemplar impresso. Disponível em vários idiomas.

Podcast: How to build community (Como criar um senso de comunidade)

Ouçá todos os episódios do nosso podcast em tearfund.org/podcast

No episódio “Dancing with thieves in São Paulo’s favelas” (Dançando com ladrões nas favelas de São Paulo), ouça Cally Magalhães falar sobre seu trabalho transformador com jovens infratores no Brasil.

Sites úteis

reflectionaction.org/tools_and_methods/
Ferramentas e ideias participativas por etapas

participatorymethods.org
Ideias do Instituto de Estudos de Desenvolvimento, no Reino Unido, para o desenvolvimento inclusivo e a transformação social

Competências de facilitação – Kit de ferramentas Revelar

Facilitação é a habilidade de incentivar todos os membros de um grupo a participar de forma que eles alcancem algo juntos. Esta ferramenta introdutória oferece conselhos e orientações básicas sobre como deve ser a boa facilitação. Disponível em português, inglês, espanhol e francês. learn.tearfund.org

Passo a Passo

- Captação de recursos local – *Passo a Passo 111*
- Viver com deficiência – *Passo a Passo 108*
- Comunicação eficaz – *Passo a Passo 71*
- Habilidades em facilitação – *Passo a Passo 60*
- Teatro para o desenvolvimento – *Passo a Passo 58*
- Participação de crianças – *Passo a Passo 38*
- Ação e aprendizagem participativa – *Passo a Passo 29*

Baixe essas edições em learn.tearfund.org ou envie um e-mail para publications@tearfund.org para solicitar exemplares impressos. Disponível em português, inglês, espanhol e francês.

Passo a Passo ISSN 1353 9868

Editora Jude Collins

Editoras de línguas estrangeiras:

Carolina Kuzaks-Cardenas, Helen Machin

Comitê editorial: Barbara Almond, Maria Andrade, J. Mark Bowers, Mike Clifford, Dickon Crawford, Rei Crizaldo, Paul Dean, Helen Gaw, Ted Lankester, Liu Liu, Roland Lubett, Ambrose Murangira, Christopher Peter, Joy Wright

Design Wingfinger Graphics, Leeds

Tradução: I. Deane-Williams, K. Fernandes, P. Gañez, M. da Costa Machado, J. Martinez da Cruz, M. Sariego, S. Tharp

Mudança de endereço: Quando informar uma mudança de endereço, favor fornecer o número de referência que se encontra na sua etiqueta de endereço.

As citações bíblicas foram retiradas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional®, NVI® © Copyright Biblica, Inc.® 1993, 2000, 2011. Usadas com permissão. Todos os direitos reservados mundialmente.

Direitos autorais © Tearfund 2022.

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução do texto da *Passo a Passo* para fins de treinamento, contanto que os materiais sejam distribuídos gratuitamente, e que seja dado crédito à Tearfund. Para qualquer outra utilização, favor entrar em contato com publications@tearfund.org para obter permissão por escrito.

As opiniões e os pontos de vista expressos nas cartas e artigos não refletem necessariamente os pontos de vista da Editora ou da Tearfund. As informações técnicas fornecidas na *Passo a Passo* são verificadas o mais meticulosamente possível, porém não podemos aceitar a responsabilidade caso haja algum problema.

e-Passo a Passo: Para receber a *Passo a Passo* por e-mail, registre-se no site Tearfund Aprendizagem learn.tearfund.org

Entrevista

Inclusão de todos

Sheba Muchabaiwa trabalha para a Evangelical Fellowship of Zimbabwe (EFZ) como treinadora e facilitadora do processo de mobilização de igrejas e comunidades (PMIC). Ela faz parte de um grupo de facilitadores recentemente treinados na língua de sinais do Zimbábue. Aqui, ela explica por que acha que isso é importante.

O que é o PMIC?

“Começando pela igreja, o PMIC reúne todos os membros de uma comunidade para discutir seus desafios e oportunidades e fazer planos para o futuro. À medida que implementam esses planos usando habilidades e recursos locais, eles descobrem que são capazes de transformar suas comunidades.”

Por que você aprendeu a língua de sinais?

“O reconhecimento de que todos são importantes e têm uma valiosa contribuição a fazer é crucial para o sucesso do PMIC. No entanto, a EFZ percebeu que existem certos grupos de pessoas para os quais é mais difícil participar do que para outros, entre eles, as pessoas surdas. Essas pessoas podem comparecer às reuniões da comunidade, mas, sem um intérprete, não podem participar das discussões.

“A EFZ ofereceu a vários de nós um curso básico de língua de sinais. Assim, podemos ser mais inclusivos ao trabalharmos com igrejas e comunidades.”

Por que isso é importante?

“De acordo com a Associação Nacional das Pessoas Surdas do Zimbábue, nosso país tem mais de 1,5 milhão de pessoas surdas ou com deficiência auditiva. Poucas igrejas oferecem interpretação



Sheba praticando o que acabou de aprender na língua de sinais. Foto: Sheba Muchabaiwa

na língua de sinais e há uma falta generalizada de compreensão das necessidades das pessoas surdas.

“Ao aprender a me comunicar com as pessoas surdas em sua própria língua, mostro que quero incluí-las nas conversas do PMIC e aprender com elas.

“Acredito que as pessoas surdas ou com deficiência auditiva devem ter as mesmas oportunidades para servir como parte do corpo de Cristo. Se uma parte do corpo for excluída, todo o corpo será afetado (Romanos 12:4-5). Devemos fazer tudo o que pudermos para superar os obstáculos da compreensão e da inclusão.”

learn.tearfund.org

Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido
☎ +44 (0)20 3906 3906 ✉ publications@tearfund.org

Sede registrada: Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE.
Registrada na Inglaterra sob o nº 00994339. Uma companhia limitada por garantia.
Instituição beneficente nº 265464 na Inglaterra e no País de Gales e nº SC037624 na Escócia.
J635-P (0822)



tearfund